

**“QUARTO DE DESPEJO”: A ESCRIVÊNCIA DE CAROLINA  
MARIA DE JESUS SOB A ÓTICA DA ANÁLISE  
DE DISCURSO CRÍTICA**

*Nadja Costa Linhares Fontes (UVA)*  
*[nadjavr@gmail.com](mailto:nadjavr@gmail.com)*

**RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo a apreciação da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, lançado em 1960 e escrita por Carolina Maria de Jesus, de forma a analisar como a autora, uma mulher negra, pobre, com pouca instrução e moradora da favela, retrata e mostra sua identidade, seus anseios e sua visão de mundo através das palavras. Para tanto, serão utilizados os pressupostos da Análise de Discurso Crítica, com a proposta de reviver os escritos de Carolina. O artigo será pautado nas pesquisas de Mirian Santos(2018), Eduardo de Assis Duarte (2005) e Regina Dalcastagnè (2012), acerca da literatura afro-brasileira e negrofeminina brasileira; e nos estudos acerca da Análise de Discurso Crítica, embasado no modelo tridimensional proposto por Fairclough (2016), nos estudos de Resende e Ramalho (2017) e Fernandes (2008), dentre outros. A pesquisa possui caráter qualitativo, com o objetivo de analisar a escrita de Carolina, seu vocabulário, sua gramática e a estrutura textual de seus relatos em seu livro-diário como esperança de visibilidade e voz. A partir da perspectiva feminina, Carolina denuncia em seu livro as injustiças e faz reflexões sobre o dia a dia na favela, utilizando seu diário como uma forma de manifestação de um grupo marginalizado na história.

**Palavras-chave:**

“Quarto de Despejo”. Carolina Maria de Jesus. Análise de Discurso Crítica.

**ABSTRACT**

This article aims to appreciate the book “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, launched in 1960 and written by Carolina Maria de Jesus, in order to analyze how the author, a black and poor woman, with few education and resident in favela, shows her identity, desires and her point of view of the world through words. For that, the assumptions of Critical Discourse Analysis will be used, with the proposal to revive Carolina's writings. The article will be based on research by Mirian Santos (2018), Eduardo de Assis Duarte (2005) and Regina Dalcastagnè (2012), about afro-brazilian and female afro-brazilian literature; besides that, based in studies on Critical Discourse Analysis, on the three-dimensional model proposed by Fairclough (2016), and in the studies by Resende and Ramalho (2017) and Fernandes (2008), among others. The research has a qualitative characteristic, in order to analyze Carolina's writing, her vocabulary, her grammar and the textual structure of the reports in her diary as a hope of visibility and voice. From the female perspective, Carolina denounces in her book the injustices and reflects on a day-to-day life in the favela, using her diary as a way of manifesting a marginalized group in history.

**Keywords:**

**“Quarto de Despejo”. Carolina Maria de Jesus. Critical Discourse Analysis.**

## **1. Introdução**

A literatura negra brasileira sempre sofreu, ao longo dos anos, boicotes quanto às suas publicações ou não foi devidamente reconhecida como uma vertente da literatura nacional. Dentro deste contexto, a presença de autoras negras se faz ainda menor, uma vez que a literatura sempre assumiu uma postura hegemônica masculina e branca. Neste contexto, Carolina Maria de Jesus surge em meados do século XX como uma autora negra, pobre, favelada, mãe solteira e que fez considerável sucesso com o lançamento de seu livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, em 1960, sendo reconhecida internacionalmente por sua obra. Com sua escrita, a autora nos mostra que é possível construir uma identidade através de seu discurso, mesmo fugindo dos padrões normativos da língua portuguesa, contando a vida daqueles que estão à margem da sociedade e relatando seus dias de sobrevivência na favela, a qual denomina como seu “quarto de despejo”.

Dito isso, o presente artigo busca aprofundar a pesquisa sobre o livro em questão, dividido em alguns capítulos: o primeiro abordará a literatura negra como instrumento de representatividade, mostrando os principais autores negros e sua busca para figurar-se entre as grandes obras do cânone literário. Consigo, o capítulo trará também uma reflexão sobre as autoras negras que buscam o reconhecimento através da escrita. Dentro desse contexto, será retratada a autora Carolina Maria de Jesus, com seu breve histórico de vida e um resumo de seus anseios pessoais através da escrita. O seguinte capítulo abordará as teorias utilizadas como base para a análise do livro de Carolina, com ênfase nos estudos da Análise de Discurso Crítica proposta por Fairclough (2016), tendo como base seu modelo tridimensional para a análise textual. Para finalizar o presente trabalho, propõe-se uma análise do livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, abordando os conceitos teóricos da Análise de Discurso Crítica, afim de dissertar sobre as principais características lexicais e contextuais encontradas no discurso de Carolina para comprovar seu lugar de fala, sua forma de entender o mundo e de ser representatividade e inspiração na sociedade atual.

## **2. Literatura afro-brasileira, negrofeminina e representatividade**

A literatura é um importante elemento para a representatividade das minorias. As palavras formam – através da transmissão de ideias, culturas e valores – discursos que possibilitam às minorias e a grupos menos favorecidos a oportunidade de movimento e voz. Já a literatura negra ou afro-brasileira surge, neste sentido, para tratar as tradições, os problemas e as experiências dessa parcela da sociedade esquecida e marginalizada; surge como lugar de fala e representatividade. Por outro lado, segundo Duarte (2005, p. 114), a literatura negra sempre sofreu ao longo do tempo muitas formas de impedimento à publicação ou divulgação de seus materiais produzidos; impedimentos estes que vêm acompanhados de uma carga histórica de marginalização dos negros escravizados e seus descendentes e vai até a estigmatização de elementos provenientes da cultura africana.

Os primeiros textos literários desse movimento começam a ser produzidos no período colonial. Pensar em uma literatura afro-brasileira naquela época significa não incluir os próprios negros como sujeitos do discurso. Os negros africanos ou afrodescendentes não possuíam, de acordo com a legislação vigente, a possibilidade de “escrever, publicar ou mesmo falar de si ou de seu grupo” (SOUZA, 2005, p. 65). Alguns autores, como Domício Proença Filho (2004, p. 161) reconhecem que o percurso do negro na literatura nacional é moldado por duas vertentes: de um lado, textos literários sobre os negros e, de outro, a literatura do negro. Desse modo, o negro é sujeito de seu próprio discurso e também parte de uma defesa em prol de sua identidade cultural.

A literatura afro-brasileira pode ser considerada como uma forma de enunciação da coletividade negra, além de propor uma releitura da história de nosso país que, na maioria das vezes, representa o discurso hegemônico embranquecido. Somado a isso, é capaz de ressignificar a memória do povo negro brasileiro, desmontando estereótipos e sendo uma forma de resistência. Por isso, a falta de representatividade da literatura afro-brasileira como uma forma de expressão ainda é amplamente discutida. Considera-se que a literatura, tratada como uma e coesa, não precise possuir diferenciação por cor. Porém, é importante ressaltar que a literatura, ao permitir a construção de uma linguagem e ser parte da visão de uma história – no caso a literatura negra como a história de seus ancestrais – remete à identidade de um povo e seus valores. Logo, a literatura afro-brasileira pode ser considerada como uma forma de expressão,

que busca valorizar uma história marginalizada e de denúncia ao etnocentrismo.

Não acredito, portanto, que a literatura, como alma, não tem cor. É sabido que a literatura, em sua história na tradição ocidental, foi vista sim como arte universal que tratava de temas igualmente universais, leia-se ocidentais ou ocidentalizados. Com a proliferação dos discursos nacionais, aceitou-se que, mantendo o caráter universal, a arte literária abordasse também aspectos da história particular dos povos. (SOUZA, 2005, p. 71)

Dentre os autores que buscaram tratar temas relacionados à afrodescendência e que militaram a favor de movimentos sociais no final do século XIX e início do século XX, temos Luís Gama, Maria Firmina dos Reis e Lima Barreto, com obras que versavam sobre a discriminação racial. Também pode-se citar Machado de Assis; embora Machado sempre tenha retratado em suas obras a grande elite letrada, responsável pela leitura de seus textos, o autor não abordava estereótipos racistas em suas obras, tampouco deixava de apresentar elementos afro-brasileiros. Através do uso da ironia e da crítica em suas narrativas de ficção –utilizada como instrumento de representação –, o autor buscava sempre rebaixar a grande classe senhorial, não sendo capaz de elogiar-la, mas sim, criticá-la.

A partir do século XX, após a abolição, quando houve a propagação através de traduções e versões publicadas na imprensa negra que davam destaque a movimentos literários e políticos ocorridos fora do Brasil, muitas reflexões sobre o tema se intensificaram. De acordo com Florentina Souza (2005, p. 68), pode-se destacar o jornal *Quilombo*, responsável por divulgar manifestações culturais, além de outros periódicos como *Cadernos de Cultura da Associação Cultural do Negro*; *Congressos de Negro*; *Afro Latina América*; *Revista Tição*, em Porto Alegre; *Jornal Abertura*, em São Paulo; *Jornal do Movimento Negro Unificado*; o grupo *Gens*, os *Cadernos Negros*, a antologia *Quilombo de Palavras*, entre outros. Ainda segundo a autora, a partir da segunda metade do século XX, nomes como Carolina Maria de Jesus, Cuti e Conceição Evaristo figuram como responsáveis pela divulgação de uma literatura que destaca aspectos históricos da tradição de origem afrodescendente ou até o cotidiano do afro-brasileiro, suscitando o debate sobre o papel da literatura negra brasileira.

A representatividade dos autores negros é ainda cerne de discussões e estudos, que são importantes para resgatar as vozes esquecidas, fazendo a literatura assumir sua função social. O termo *literatura negra* representa narrativas escritas por negros; mas, o conceito de literatura negra não pode se atrelar apenas à cor da pele do autor nem à sua temática.

[...] a pesquisa não pode se reduzir a simplesmente verificar a cor da pele do escritor, mas deve investigar, em seus textos, as marcas discursivas que indicam (ou não) o estabelecimento de elos com esse contingente de história e cultura, ou seja, o texto literário negro reivindica um lugar de enunciação. (DUARTE, 2005, p. 124)

Integrada a essa representatividade, também está a representação da mulher negra na literatura brasileira como um discurso de resgate e reafirmação, seja da identidade feminina, dos saberes de suas antepassadas ou de luta para a transformação da sociedade atual, marcada pela resistência. Através dos textos das mulheres negras é possível sentir uma tentativa de compartilhar a violência das experiências do cotidiano através da escrita, como espaço de luta e empoderamento.

Dentro deste contexto de busca identitária, pode-se considerar a escritora Maria Firmina dos Reis como precursora, com a primeira obra reconhecidamente elaborada por uma escritora negrofeminina<sup>419</sup>, em 1859, intitulada *Úrsula*. Logo após, pode-se destacar Carolina Maria de Jesus – cerne desta pesquisa – e, depois dela, ainda que timidamente, outras mulheres figuraram como importantes escritoras negras contemporâneas. O fato é que este descrédito à literatura negra feminina – lembrando que da publicação de *Úrsula* até “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, primeiro livro de Carolina Maria de Jesus, há um hiato de um século – tem-se um conceito de literatura que ratifica o poder da elite cultural masculina, branca e europeia, que pode ser justificado através das relações de poder estabelecidas. E ainda hoje percebe-se esta relação, pois poucas autoras negras são centro de estudos nas aulas de literatura nacional, apesar de, a partir da década de 90, o crescimento e a representatividade destas autoras estarem em destaque. Evidentemente não se pode negar que tenha havido outras escritoras femininas negras antes de

---

<sup>419</sup> Termo utilizado pela autora Mirian Santos em seu livro *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. A autora opta pela utilização deste termo ao invés de denominar o movimento como literatura afro-feminina brasileira. Sua opção por esta nomenclatura vai ao encontro do autor negro-brasileiro Cuti (SANTOS, 2018, p. 12-13).

Firmina; porém, no século XIX, não era possível pensar em uma mulher que pudesse figurar entre os principais jornais ou livros.

Segundo Mirian Santos (2018, p. 13), as reflexões sobre a literatura negrofeminina contemporânea abordam a discussão acerca da mulher negra enquanto intelectual. Ainda segundo a autora, as mulheres raramente são concebidas como intelectuais e algumas autoras negras contemporâneas, como Conceição Evaristo, “reinsere[m], ressignificam e desconstruem os lugares de classe, raça e gênero da mulher negra na sociedade brasileira atual” (SANTOS, 2018, p. 13). São autoras engajadas na luta pela transformação da sociedade em que vivem e trazem a reflexão sobre os processos históricos de marginalização da população negra.

Antes disso, na década de 70-80, outras escritoras negrofemininas brasileiras começaram a figurar através do surgimento dos *Cadernos Negros*<sup>420</sup>, veículo responsável pela compilação da produção literária negra; eram marcas de uma escrita que problematizava a violência, o racismo, a estética negra e o espaço ocupado por essas mulheres. Este periódico foi muito importante para a visibilidade de várias escritoras negras, mas, ainda assim, a produção de textos escritos por mulheres era bastante reduzida, o que indicava, segundo Figueiredo (2009, p. 10 *apud* SANTOS, 2018, p. 16), a “dificuldade [da escritora negra] para se dedicar à produção literária, como para publicar, ou seja: um problema de ordem social e financeiro, ou de gênero”.

A questão de gênero dentro da literatura negrofeminina é marcada por uma série de violências racial e social. Segundo a autora bell hooks<sup>421</sup> (1995 *apud* SANTOS, 2018, p. 33), a mulher negra intelectual tem seus trabalhos raramente reconhecidos, ainda tendo que competir em questão de visibilidade e alcance com os autores negros. A autora ainda afirma que, tratando-se especificamente da mulher intelectual negra, seus trabalhos raramente são reconhecidos como intelectuais, apesar de desempenharem papéis importantes em suas comunidades enquanto professoras, críticas, entre outros: na luta por esta igualdade, a mulher negra ainda não conseguiu se equiparar com outras mulheres.

---

<sup>420</sup> Os *Cadernos Negros* surgiram em 1978, na cidade de São Paulo, no Festival Comunitário Negro Zumbi, idealizado pelo escritor Luiz Silva, o Cuti. Com mais de 30 anos de publicação contínua, era um periódico que contemplava textos de diversos escritores negros de várias regiões do país (SANTOS, 2018, p. 16).

<sup>421</sup> Grafia em letras minúsculas, utilizada pela autora estadunidense.

No caso de Carolina Maria de Jesus, que lançou em 1960 o “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, não foi muito diferente. Carolina, apesar do sucesso repentino após ter sido revelada ao Brasil por um jornalista e ter em seu primeiro livro um sucesso de vendas e de publicação em várias línguas, também enfrentou resistência. À época, o jornalista tentou transfigurar a imagem de Carolina como a que atenderia ao público consumidor de produtos culturais nos idos dos anos 60: a imagem de uma mulher negra, pobre e vítima da fome e da miséria, que encontrara na escrita sua forma de identidade. Era o interesse pelas vozes subalternas nas mãos do jornalista que queria mostrar a realidade, mas nem tanto: o jornalista também foi o responsável por suprimir e/ou modificar algumas palavras/frases de Carolina no livro, tornando-o mais palatável aos leitores da época.

E a história de Carolina como grande autora começa justamente com o lançamento desse livro. Nascida em 1914, na cidade mineira de Sacramento, Carolina Maria de Jesus – também carinhosamente apelidada de Bitita – trabalhara na roça, onde aprendera a ler forçada por sua mãe. Carolina se mudou de Minas para Franca - interior do estado de São Paulo - muito cedo, trabalhando como empregada doméstica ao lado de sua mãe. Lá, mãe e filha trabalharam como empregadas domésticas, e Carolina começou a escrever seus primeiros versos (FARIAS, 2017, p. 101-7). Aos 33 anos, após a morte de sua mãe, Carolina muda-se para a cidade de São Paulo, no momento em que surgem as primeiras favelas na cidade, trabalhando ainda como empregada doméstica e morando em cortiços pelo centro. A partir das reformas urbanas na década de 40, vê-se obrigada a se mudar para a favela do Canindé, onde constrói sua casa usando madeira, lata, papelão e outros materiais. Na capital paulista, Carolina vira catadora de papel e faz desta forma o seu sustento e o de seus filhos. Dentre os papéis que catava, sempre encontrava revistas e cadernos antigos, que guardava para escrever em suas folhas, começando assim a escrever sobre o seu dia-a-dia de moradora da favela.

Já na década de 60, Carolina surge como um improvável nome no cenário da literatura brasileira. O jornalista Audálio Dantas, repórter da Folha da Noite – responsável por sua “descoberta” – reúne seus diários e os publica em versões organizadas, dando origem a sua primeira obra, intitulada “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, que vendeu mais de cem mil exemplares: só na primeira semana vendeu dez mil exemplares e ganhou sucessivas tiragens, chegando a cem mil exemplares em seis meses (FARIAS, 2017, p. 198-218). Este livro daria origem a vários

outros livros que comporiam sua obra de relatos da vida na favela, como, por exemplo, “Casa de Alvenaria” e “Diário de Bitita” – este último escrito primeiramente em francês e depois traduzido e publicado aqui no Brasil. Domício Proença Filho (2004, p. 184) classifica os livros de Carolina Maria como “literatura-testemunho”, capazes de retratar sua vida de mãe solteira, a qual afirmava ser uma vida independente e sem a necessidade de passar por casos de violência familiar entre “homem e mulher”.

Além do preconceito racial e de gênero sofrido pela autora, Carolina também sofreu muito preconceito devido a sua posição social; seus escritos fugiam do padrão normativo e da lógica dos modelos editoriais, chocando a elite literária masculina e branca da época.

Ler Carolina Maria de Jesus como literatura, colocá-la ao lado de nomes consagrados, como Guimarães Rosa e Clarice Lispector, em vez de relegá-la ao limbo do “testemunho” e do “documento”, significa aceitar como legítima sua dicção, que é capaz de criar envolvimento e beleza, por mais que se afaste do padrão estabelecido pelos escritores da elite. (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 21)

Sua autobiografia é baseada em memórias e testemunhos, que revivem momentos de seu passado e contrastam com sua vivência na favela. Carolina pratica o exercício da voz através do papel, atestando sua representatividade através de linguagem própria. Retrata a fome, sua condição social e sua vida de forma simples e direta através de seu livro-diário.

### **3. Análise do Discurso**

Para analisar o livro de Carolina Maria de Jesus – “Quarto de despejo: diário de uma favelada” – e o discurso da autora através deste livro, será utilizado o embasamento teórico da Análise de Discurso Crítica (doravante denominada ADC), com base nas teorias de Norman Fairclough (2016). Para esta análise linguística, é importante mencionar a abordagem histórica do papel da Análise do Discurso (doravante denominada AD) e dos estudos de Michel Pêcheux (1997), que, na década de 1960, introduziu os conceitos de língua, ideologia, discurso e sujeito, na chamada escola francesa de Análise do Discurso.

Para entender sobre o que se trata a AD e os estudos de Pêcheux (1997), primeiramente é necessário compreender sobre discurso. Segundo Orlandi (2005, p. 15), do ponto de vista etimológico, discurso tem em

si “a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Para compreender este sentido, os estudos linguísticos estruturalistas de Saussure – publicados em 1916 e que predominaram até a década de 60 – não são suficientes, já que o autor acreditava que a língua funcionasse como um sistema e que obedecesse a certos princípios de funcionamento, sendo ela um estudo de seu próprio sistema – *langue* – e não de seu uso.

Embora não haja consenso entre os linguistas para a noção de discurso, há algo em comum dentre todos os estudiosos da área, no que concerne a análise do discurso: ela não é focada apenas no funcionamento da língua, mas na relação estabelecida entre ela e o sujeito; seja nas relações de poder, nas ideologias, ou até mesmo nos discursos internalizados. E apesar de Pêcheux (1997) e sua abordagem ser considerada como crítica, uma vez que traz em seu estudo a teoria marxista do discurso para uma análise linguístico-textual, ainda assim não é suficiente para se figurar dentro da ADC. Dessa forma, a partir dos estudos provenientes da teoria estruturalista Saussureana, somada as ideias de ideologia, sujeito e discurso, Michel Pêcheux (1997) conseguiu desenvolver seu estudo teórico-metodológico acerca da AD. Destes estudos, uma nova abordagem surgiu com a necessidade de envolver neste processo a prática social como objeto de estudo, resultando nos estudos da denominada Análise de Discurso Crítica (ADC).

A ADC surge com o despontamento da Linguística Crítica<sup>422</sup> (doravante denominada LC), através dos modelos formalista e funcionalista: o modelo formalista da língua predominou até a década de 60 com os estudos estruturalistas de Saussure – e que também incorporou um pouco das ideias gerativistas de Noam Chomsky, que dissertava sobre a capacidade inata dos seres humanos em desenvolver a linguagem. Já o modelo funcionalista aparece a partir da década de 70 e tinha a ideia de que a linguagem deveria estar associada ao seu uso, permitindo assim o estudo de relação entre linguagem e sociedade. Segundo Fernandes (2008, p. 32), embora a LC tenha contribuído para o surgimento da ADC, esta não é uma simples continuação daquela, uma vez que a ADC se aproxima da

---

<sup>422</sup> É uma linguística instrumental proposta por Halliday, que busca desenvolver uma análise do discurso público no contexto das formações sociais. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 109).

Ciência Social Crítica<sup>423</sup> e busca investigar o papel que o discurso estabelece nas transformações sociais. Com base nessas afirmações, ainda segundo Fernandes, a ADC busca conceitos de *hegemonia* encontrados em Gramsci; de *prática social*, nos estudos de Harvey; de *mundo social estratificado*, de Bhaskar; e de *ideologia* de Marx. Neste escopo transdisciplinar, a ADC surge como uma investigação a fim de relacionar discurso e sociedade, para debater sobre o papel do discurso na manutenção ou na transformação das relações de dominação.

Para suporte às análises discursivas que serão propostas no próximo capítulo, será utilizado o modelo teórico-metodológico chamado, por Fairclough (2016, p. 105), de tridimensional, que relaciona prática social e texto; essas duas dimensões acontecem por intermédio de uma terceira, denominada prática discursiva. No modelo tridimensional, o texto é um importante elemento da análise do discurso, que pode legitimar práticas de dominação. Segundo o autor, os textos são capazes de trazer pistas que levam ao processo de interpretação e com isso são acionados conhecimentos linguísticos, representações e interações sociais.

Figura 1: Modelo tridimensional de Fairclough.



Fonte: Fairclough (2016, p. 105).

Portanto, para o autor, o discurso como um texto é uma prática social e não pode ser analisado individualmente ou simplesmente ser um reflexo de variáveis situacionais, uma vez que pode indicar uma forma das pessoas de agir sobre o mundo e sobre os outros e/ou ser uma forma de representação. Para Fairclough (2016), o discurso pode figurar-se de várias formas, sendo: uma produção de sentido ou elemento do processo

---

<sup>423</sup> Segundo Resende & Ramalho (2009, p. 1077), é a ciência que provê à ADC um arcabouço para a compreensão da vida social como constituída de práticas e redes de práticas.

social; uma prática social específica; ou até uma forma de construir aspectos do mundo, podendo ser usado de maneira abstrata ou de maneira específica (FERNANDES 2008, p. 40).

Figura 2: Categorização do modelo tridimensional de Fairclough.

<b>TEXTO</b>	<b>PRÁTICA DISCURSIVA</b>	<b>PRÁTICA SOCIAL</b>
vocabulário gramática coesão estrutura textual	produção distribuição consumo contexto força coerência intertextualidade	ideologia sentidos pressuposições metáforas  hegemonia orientações econômicas políticas, culturais, ideológicas

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de Resende e Ramalho (2017, S/N)

Para a composição do presente artigo, são utilizados os estudos da ADC, no sentido de identificar as leituras críticas e reflexivas no discurso de Carolina Maria de Jesus em seu livro: seu lugar de fala, seu contexto histórico-social, valores e outros assuntos abordados em seu livro-diário. Esta análise será realizada no próximo capítulo, a fim de apresentar tais conceitos nas linhas e nas falas do livro de Carolina Maria de Jesus.

#### **4. *Análise de Discurso Crítica como ferramenta: Carolina e seu quarto de despejo***

Este artigo busca resgatar Carolina Maria de Jesus como dona de uma consciência periférica que procurava espaço para sua voz. Assim, o presente trabalho realiza uma análise qualitativa e descritiva e tem o objetivo de identificar ideologias e marcas presentes no discurso da autora. Centrado nos pressupostos da ADC, realiza-se uma investigação crítica dos diferentes usos da linguagem e das práticas sociais envolvidas, assim como aborda-se as representações e identificações construídas em “Quarto de despejo: diário de uma favelada”. Para o estudo de trechos do livro, será analisado o uso do vocabulário, da gramática e da estrutura textual, além das práticas discursivas e representações de mundo adotadas por Carolina.

O modelo tridimensional, adotado como pressuposto metodológico neste artigo e apresentado no capítulo anterior, propõe “integrar uma variedade de perspectivas teóricas e métodos para o que é (...) um pode-

roso recurso para estudar as dimensões discursivas da mudança social e cultural” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 105). Neste modelo, também é possível realizar a dinâmica da prática discursiva e sua relação com a prática social. Com isso, o modelo tridimensional de Fairclough (2016), ao ser esmiuçado de forma concreta, relaciona duas dimensões do evento discursivo: o da prática social e o do texto. E essas duas dimensões acontecem por intermédio de uma terceira, denominada prática discursiva.

Carolina foi capaz de escrever alguns poemas e também de compor e interpretar algumas músicas. Porém, é através da escrita de seus livros e anotações em forma de diário que ela pode revelar a forma mais factível de sua história, já que o diário é uma maneira de relatar acontecimentos cotidianos: são textos que retratam o ficcional e/ou o real. Ao falar da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, é possível perceber como Carolina age e interage no mundo, fazendo suas próprias representações e construindo seu modo de ser e o modo de ser dos outros (seus vizinhos). O seu discurso é uma forma de representação de diferentes aspectos do mundo e o diário é sua forma de interação: por meio dele, Carolina consegue se representar e se identificar com este mundo.

Portanto, Carolina recorre a memória como um recurso discursivo para o registro de seu livro e relata sua concepção de mundo, suas impressões e testemunho de vida, quando diz,

[...] quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2019, p. 37)

O quarto de despejo é uma metáfora utilizada pela autora para mostrar a favela como um lugar excluído da sociedade, o resto: é evidente o descaso do poder público num lugar que, por ela, é sempre retratado como de miséria e fome:

15 de maio de 1955 – Tem noite que eles improvisam uma batucada e não deixa ninguém dormir. Os vizinhos de alvenaria já tentaram com abaixo assinado retirar os favelados. Mas não conseguiram. Os vizinhos das casas de tijolos diz:

– Os políticos protegem os favelados.

Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O senhor Cantídio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xicaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Câmara dos De-

putados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais. Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (JESUS, 2019, p. 32)

10 de maio de 1956 – ... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. (JESUS, 2019, p. 29)

Dentre as categorias de análise textual propostas pela ADC, mais especificamente será retratado o tema vocabulário e gramática, buscando compreender as escolhas lexicais feitas por Carolina em seu diário e com quais sentidos elas foram empregadas, além de demonstrar as condições socioeconômicas em que Carolina vive e da importância da leitura e escrita em sua vida. De acordo com Fairclough (2016, p. 95), o discurso como um texto é uma prática social e não pode ser analisado individualmente ou simplesmente ser um reflexo de variáveis situacionais, uma vez que pode indicar uma forma das pessoas de agir sobre o mundo e sobre os outros e/ou ser uma forma de representação. Ainda segundo o autor, “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95).

Analisando a partir da função textual, o discurso de Carolina - recorrente em sua obra - já demonstra sua consciência e certeza de participação neste lugar histórico. Ao inserir alguns relatos diários de sua obra dentro do modelo tridimensional proposto por Fairclough – denominado textual – é possível perceber que a escolha dos signos linguísticos pela autora também possui um significado afetivo. O ambiente da favela, embora Carolina o relate como desumano, remete a lembranças de seus filhos e sua família, além de seus anseios de um dia sair deste espaço.

1 de junho 1956 - Eu nada tenho dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar seu sonho. Mas ela formou meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e fracos. É porisso que tenho dó dos favelados [sic]. (JESUS, 2019, p. 48-49)

Carolina utilizava em seus manuscritos uma linguagem que, muitas vezes, não era compatível com seu pouco acesso à leitura e estudo. Para Lejeune (2014, p. 305), a escrita em forma de diário permite que qualquer pessoa utilize a língua como quiser e escreva sem medo de cometer erros. Pode-se perceber nos excertos selecionados que a autora emprega construções textuais fora do considerado correto pelas regras da gramática normativa, como no trecho abaixo em que utiliza a palavra “horrorisada”, em grafia com a letra “S”, quando a norma estabelece o

uso da letra “Z”. Também percebe-se a grafia de “ponhe” ao invés de “põe”.

28 de julho de 1955 – ... Fiquei horrorizada! Haviam queimado meus cinco sacos de papel. A neta de D. Elvira, a que tem duas meninas e que não quer mais ter filhos porque o marido ganha pouco, disse:

– Nós vimos a fumaça. Também a senhora ponhe lá no mato onde ninguém os vê. Eu ouvi dizer que vocês lá da favela vivem uns roubando os outros. (JESUS, 2019, p. 27)

Como Carolina tinha sua escrita baseada em sua forma de falar, para ela nenhuma diferença faria caso a grafia seguisse os padrões da norma culta da língua. Pode-se inferir que, mesmo que a autora se utilize em certos momentos do fenômeno da hipercorreção<sup>424</sup>, não há, em momento algum, o medo de escrever algo fora dos padrões normativos. Esta é mais uma marca de Carolina, que procura construir seu próprio *ethos* através de suas palavras. E para a construção desse “eu”, Carolina expressa-se através de sua subjetividade. Para este tipo de discurso, Fairclough (2016) cita o conceito de *ethos* de Maingueneau (1987), dizendo que esta ausência de polidez pode “estar associada ao conceito mais geral de *ethos*— como o comportamento total de um(a) participante, do qual seu estilo verbal (...) expressa o tipo de pessoa que ele(a) é; sinaliza sua identidade social (...)” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 188). Desse modo, a prática da escrita do modelo diário, graças às marcas temporais em que a escrita acontece (inclui-se o tempo da narração e os fatos narrados), pode carregar uma série de representações e identificações, assim como reflexões sobre vida pessoal do autor e o momento histórico que ele está vivendo. Por isso, devido a sua dimensão social, os diários registram não apenas um “eu” particular; como um gênero confessional.

A segunda categoria do modelo de análise tridimensional de Fairclough – denominada prática discursiva – analisa a relação entre linguagem e sociedade. Desta forma, Carolina retrata em seus diários a forma como se enxerga e entende que não deve pertencer ao mundo em que vive: morando na favela, sem comida e sem dinheiro. A autora utiliza, em seus discursos, recursos como a retomada de discurso (mudando o sentido de seus relatos) ou apela para o uso do discurso geral (como por exemplo, nos excertos abaixo “nós que não gostamos da favela”, ou em “atualmente somos escravos do custo de vida”) para transparecer suas insatisfações cotidianas.

---

<sup>424</sup> De acordo com Mattoso Câmara (2002, p. 237), esse termo se define como “equivocação no desejo de falar bem”.

23 de maio de 1956 – ... Levantei de manhã triste porque estava chovendo. O barraco está numa desordem horrível. É que eu não tenho sabão para lavar louças. Digo louça por hábito. Mas é as latas. Se eu tivesse sabão eu ia lavar roupas. Eu não sou desmazelada. Se ando suja é devido a reviravolta de um favelado. Cheguei a conclusão que quem não tem de ir pro céu, não adianta olhar pra cima. É igual a nós que não gostamos da favela, mas somos obrigados a residir na favela. (JESUS, 2019, p. 42-3)

Outro recurso utilizado pela autora é a ironia, como parte de sua prática discursiva. De acordo com Fairclough (2016, p. 165), “a ironia depende de os intérpretes serem capazes de reconhecer que o significado de um texto ecoado não é o significado do produtor do texto”. Carolina sabia utilizar estes recursos, mesmo sem envolver os aspectos formais relacionados a esta prática discursiva. A autora com certeza sabia que as palavras tinham a força que ela precisava alcançar, o que, segundo Fairclough, (2016, p. 108), mostra “‘a força’ dos enunciados, isto é, os tipos de atos de fala (promessas, pedidos, ameaças, etc.) por eles constituídos; a ‘coerência’ dos textos; e a ‘intertextualidade’ dos textos”.

23 de maio de 1956 – [...] antigamente era a macarronada o prato mais caro. Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! Vejam só. Até o feijão nos esqueceu [...]. (JESUS, 2019, p. 43)

Sendo assim, analisando a terceira categoria analítica de Fairclough – a prática social – percebe-se que, para Carolina, essas relações de discurso e poder são evidenciadas quando a autora retrata sua vida na favela e assume que a favela é o quarto de despejo, determinando seu lugar de aceitação, porém de uma forma desconfortável, sem aceitar esse discurso. Para ela, o mundo fora da favela não a pertencia de fato, mas era onde se sentia bem e sabia que poderia “alcançá-lo”:

19 de maio de 1956 – Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós... Deixei de meditar quando ouvi a voz do padeiro: – olha o pão doce, que está na hora do café! Mal sabe ele que na favela é a minoria quem toma café. Os favelados come quando arranjam o que comer. [...] Havia pessoas que nos visitava e dizia: – Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo. ... Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar-me. E a minha revolta é justa. ... As oito e meia da noite eu estava na favela respirando o dor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estamos na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2019, p. 35-7)

Carolina aparece em seus manuscritos como um sujeito ideológico, com uma fala que valoriza seus valores e crenças, sendo capaz, ainda, de dar voz a outras vozes dentro da favela. Entender sua escrita e as condições de produção de seu diário é entender seu contexto histórico-social; entendimento que só é possível graças ao seu lugar de fala, o que faz Carolina ter certeza de que é uma escritora e que seus escritos devem ser públicos e coletivos. Pode-se dizer que é “a ‘literatura em estado bruto’, resultado contundente da ação de viver. É a experiência da vida transformada em mensagem literária” (FONSECA; SOUZA, 2006, p. 146 *apud* SANTOS, 2018, p. 18). Carolina foi, assim, capaz de influenciar vários escritores e escritoras negras através de sua autenticidade e do seu processo de escrita, que se assemelhava à realidade e se afastava dos padrões estabelecidos pelos escritores da elite.

##### 5. *Considerações finais*

Carolina Maria de Jesus foi escritora até o final de sua vida, aos 62 anos de idade. A autora é uma importante figura de representatividade para muitas mulheres negras, que superou os modelos impostos à sociedade nos idos dos anos 60 para propor o lançamento de seu livro e tornou-se um modelo a ser seguido e admirada por sua coragem.

Apesar de a sociedade da época ser considerada conservadora e preconceituosa, Carolina escolheu a escrita como sua forma de representação de mundo e identidade e fez daquela sua forma de visibilidade. Com a pesquisa, as reflexões analisadas apresentaram Carolina como dona de si e de sua identidade social, de seu *ethos*, com sua própria forma de escrita mesmo tendo terminado apenas a quarta série, o que mostra ainda mais a força que suas palavras têm. Carolina também se mostra como um importante destaque para as mulheres negras brasileiras, pois retrata sua vivência diária pessoal e se posiciona em seu lugar de fala.

Por isto, esta análise é de grande contribuição, já que procura enaltecer e dar voz à Carolina e a seus discursos periféricos. A autora surge como precursora da literatura negrofeminina, mostrando que as vozes marginalizadas não podem ser silenciadas. A partir do lançamento do livro de Carolina, muitas outras autoras negras surgiram como denúncia à grande elite branca e ganharam voz e visibilidade ao longo dos anos, enxergando em Carolina um grande incentivo para seus trabalhos. É preciso, ainda, que autoras como Carolina estejam cada vez

mais presentes nas escolas e na mídia, reforçando um espaço de reflexão através de atos políticos capazes de transformar a realidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA JR., Mattoso. *Manual de expressão oral e escrita*. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Belo Horizonte, 2012.

DUARTE, Eduardo. Literatura e Afro-descendência. In: DUARTE, Eduardo. *Literatura, Política, Identidades: Ensaios*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005, p. 113-31. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Literatura,%20Pol%C3%ADtica,%20Identidades%20-%20Ensaios.pdf>>. Acesso em: 31 ago 2019.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERNANDES, Alessandra. *Análise de discurso crítica: para leitura de textos da contemporaneidade*. Curitiba: Intersaberes, 2008.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma Favelada*. 10 ed. São Paulo: Ática, 2019.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rosseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 5 ed. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Discurso e ideologia (s). In: \_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 1997. p. 141-85

PROENÇA FILHO, Domicio. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*. 2004, v. 18, n. 50, p. 161-193. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. *Análise de discurso crítica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

SANTOS, Mirian. *Intelectuais negras*: prosa negro-brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SOUZA, Florentina. Literatura afro-brasileira: algumas reflexões. *Revista Palmares: Cultura Afro-Brasileira*, 2005, n. 2, p. 64-72. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wpcontent/uploads/2011/02/revista02.pdf>>. Acesso em: 05 Set 2019.